

A Serra da Piedade

POR

Antonio Olyntho dos Santos Pires

A Serra da Piedade⁽¹⁾

Limitando o vasto horizonte que se descortina desta Capital, pelo lado do nascente, a bella Serra da Piedade orla uma paisagem encantadora, que se nos offerece diariamente á vista e arranca interjeições de admiração a todos que a contemplam, mormente ao despon-tar da aurora.

Aquelle pico, emergindo das serranias e podendo ser avistado de mais de uma dezena de leguas em derredor, serviu de referencia aos primeiros bandeirantes que, ha cerca de 240 annos, penetraram esses sertões, então desconhecidos e quasi inacessiveis, a principio á cata de indios que escravizavam e depois á procura do ouro que a elles escravizou tambem (2).

1). Esta descripção foi primeiro publicada no *Commercio de Minas*, jornal diario de Bello Horizonte, em junho de 1952. Transladando-a para a *Revista do Archivo Publico*, o seu auctor juntou algumas notas para jus-tificar e corroborar as suas affirmações.

2). Desde o tempo de Thomé de Souza, o primeiro governador geral do Brasil, sahiram do littoral, que era a unica porção povoada de nossa patria, bandos armados com a denominação de *bandeiras*, para descobrir terrenos e riquezas mineraes no interior do paiz.

As mais notaveis dessas bandeiras foram a de Francisco Bruza Spinoza em 1553, a de d. Vasco Rodrigues Caldas em 1562, a de Martim Carvalho em 1570, as de Sebastião Fernandes Tourinho em 1572 — 74, a de Antonio Dias Adorno em 1573, a de João Coelho de Souza em 1580, a de Gabriel Soares em 1590 e a de Diogo Martins Cão em 1596: todas estas partiram do littoral da Bahia ou de Porto Seguro em procura de ouro, prata e esmeral-das, que se suppunha existir no sertão desconhecido do Brazil.

D. Francisco de Souza, quando foi governador geral, veiu proposital-mente da Bahia a S. Paulo, para d'ahi mandar uma bandeira em direcção differente das outras, que pouco tinham adeantado na descoberta que visa-vam.

A bandeira organizada por d. Francisco de Souza foi commandada por Nicolau Barreto e partiu de S. Paulo em agosto de 1631; esta também nada conseguiu.

Seguiram-se outras bandeiras, como a de Marcos de Azeredo que sahiu da Bahia entre os annos de 1608 a 1612, depois a dos filhos deste em 1646 e a de João Corrêa de Sá que seguiu do Espirito Santo em 1659.

O governo da metropole, cada vez mais empenhado na descoberta das esmeraldas e dos metaes preciosos, de cuja existencia nos sertões se achava convencido, resolveu, em 1663, confiar a missão de procural-os aos arrojados bandeirantes paulistas, conhecidos como vaqueanos dos sertões onde iam frequentemente para capturar e escravizar indios.

Naquelle anno, foi escolhido para dirigir uma bandeira Agostinho Barbalho Bezerra, que o rei de Portugal recommendou particularmente, entre outros, aos diligentes paulistas Lourenço Castanho Taques e Fernão Dias Paes Leme, sertanistas que celebraram-se por seu arrojado em diversas incursões feitas contra os indios bravios.

Como as outras, também fracassou a empreza de Barbalho Bezerra, pela morte do chefe da bandeira.

Fernão Dias, o domador dos indios Golanás, proprietario opulento e chefe de uma grande familia em S. Paulo, sabendo que ficara incompleta aquella missão, que o rei lhe havia tanto recommendado, resolveu a offerecer seus serviços ao governo, em 1672, para continuar as pesquisas pelo sertão, á sua custa exclusivamente.

Organizou assim uma grande bandeira, da qual fizeram parte, entre outros destemidos sertanistas, os notaveis bandeirantes Mathias Cardoso de Almeida, Garcia Rodrigues Paes e Manoel da Borba Gato, esses ultimos filho e genro de Fernão Dias.

Essa numerosa bandeira, semelhante a um pequeno exercito, poz-se a caminho para o sertão, partindo de S. Paulo a 21 de julho de 1671 e seguindo rumo de sul para o norte, com itinerario diverso das outras que a precederam. Foi verdadeiramente essa a bandeira que abriu communicação permanente entre a porção povoada do Brazil e a parte do territorio nacional que veio a constituir o actual Estado de Minas Geraes, onde habitamos.

A bandeira de Fernão Dias atravessou a serra da Mantiqueira; foi ter ao Rio das Mortes, nas proximidades de Ibituruna, perto da confluencia daquelle com o Rio Grande; seguiu dahi para os lados do Rio Paraopeba ou Parahipeba como se lê nos documentos paulistas; atravessou esse rio e foi em demanda da Lagoa Santa, fixando-se no Sumidouro, onde Fernão Dias permaneceu perto de quatro annos, até reconstituir sua bandeira, que já se achava esphacelada e quasi extincta pelas luctas e trabalhos que supportou. Do Sumidouro seguiu Fernão Dias para o norte; atravessou a serra do Espinhaço, transpoz os rios Itacambira, Jequitinhonha, Arassuahy, Itamarandiba e foi até encontrar os vestigios dos trabalhos de Marcos de Azeredo, o qual suppoz haver encontrado esmeraldas na região banhada pelos rios Jequitinhonha, Arassuahy, Gravatá, Setubal, Lufa, Calhau, Piauhy e Urubú. Depois de sete annos de penosas fadigas, vencendo obstaculos e trabalhos reputados insuperaveis, regressava Fernão Dias victorioso, quando falleceu nas margens, do Rio Guahicuhy ou Rio das Velhas, victima das febres e doenças que trouxera do sertão percorrido.

A lenda da afamada serra do *Sobrabussú* ou *Sabaribussú* que vivia na imaginação dos povoadores do Brazil, desde antes de 1600, conduziu aos inhospitos sertões de nossa patria muitos aventureiros, que pagaram com a vida ou com soffrimentos inenarraveis sua cobiça ou audacia (3).

Quando Fernão Dias partiu do Sumidouro em demanda da região do norte, ficou neste posto o seu genro Borba Gato, com parte do pessoal da bandeira, que alli permaneceu por largo tempo ainda depois do fallecimento do chefe. Durante os longos annos que esteve no Sumidouro não se conservou inactivo o pessoal de Borba Gato, que pesquisou o Rio das Velhas e seus afluentes, tendo sempre para guial-os a balisa petrea do Pico da Piedade, avistado de quasi toda parte, na zona onde estiveram durante tanto tempo.

3) Os naturalistas hollandezes Piso e Maregraff publicaram em lingua latina, no anno de 1648, uma obra intitulada *Historia Natural do Brazil*, na qual vem annexo alguns capitulos de caracter geographico; e entre elles o roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas que penetraram no territorio do actual Estado de Minas Geraes.

Esta bandeira foi a que organizou o governador geral do Brazil d. Francisco de Souza e que partiu de S. Paulo em 1631 commandada por Nicolau Barreto.

Diz Maregraff a pags. 233 e 264: « Julguei a proposito inserir aqui o roteiro que recebi de Wilhelm Glimmer, nosso compatriota. Conta elle que na epocha em que vivia na Capitania de S. Vicente, chegara áquellas paragens, vindo da Capitania da Bahia, Francisco de Souza; pois recebera de um brasileiro um certo metal extrahido, segundo dizia, dos montes de *Sabaraoson*, de cor azul-escuro ou celeste, salpicado de uns granulos cor de ouro. Tendo sido examinado pelos entendidos em mineração, reconheceu-se que esse metal continha em um quintal, trinta marcos de prata pura. Fascinado por essa amostra, o governador, julgando conveniente explorar mais cuidadosamente esses montes e as minas que elles encerravam resolveu mandar para lá setenta ou oitenta homens, entre portuguezes e brasileiros. Fez parte dessa expedição o nosso Glimmer que della faz a seguinte descripção: « Roteiro de uma das primeiras Bandeiras Paulistas » — *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, vol. IV. »

A referencia de Glimmer á serra do *Sabaraoson* não pode deixar de ser a mesma *Sabaribussú*, cuja pronuncia soou aos ouvidos do hollandez como *Sabaribussú*.

Demais, em diferentes documentos officiaes, anteriores á descoberta do ouro na zona que recebeu mais tarde a denominação de *Sabaribussú* ou simplesmente *Sabarib*, encontra-se referencia positiva á serra do *Sabaribussú*, que parecia designar, naquella epocha, uma região onde se achavam accumuladas muitas riquezas mineradas. O Principe regente portuguez, escrevendo em 29 novembro de 1677, aos officiaes da Camara de S. Paulo, para lhes recommendar a missão de D. Rodrigo de Castel Branco e do tenente ge-

Suppunha-se que grandes thesouros de pedrarias e de metaes preciosos dormiam á sombra daquella serra, desafiando, por mais de um seculo, a tenacidade e o esforço de successivas gerações de sertanistas.

As bandeiras paulistanas que primeiro pizaram o solo que habitamos, em busca de esmeraldas e do reino dos Manaxós, serviram-se por muito tempo do pico da Piedade, para oriental-as.

Depois, quando descobriram ouro nas ricas alluviões do Rio das Velhas, desse afamado Guahicuy, cujas aguas frallejam os contrafortes daquella serra, reviveu na imaginação dos bandeirantes a lenda do *Sabarabussú*, julgando elles ter a fim encontrado a balisa plantada pela Providencia, para assignalar aquellas riquezas, secularmente cobiçadas.

D'ahi provavelmente a denominação de *Sabarabussú* ou simplesmente *Sabará* dada ao primeiro nucleo de povoação que se formou ao sopé da serra (4).

neral Jorge Soares de Macedo, exprimiu-se nesses termos: « ... desvanecendo-se o intento das minas de Paranaguá, lhes ordeno que passem a serra do Sabará-buçú etc. »

Dirigindo-se a Fernão Dias Paes, quando elle se achava no sertão, lutando com as difficuldades que se lhe antolhavam no caminho de sua conquista, escrevia o mesmo Principe em data de 1 de dezembro de 1771: « Eu, o Principe, vos envio muito saudar. Pelas cartas que me escrevestes fiquei entendendo o zelo que tendes do meu serviço, e como tratavas do descobrimento da serra do Sabará-buçú e outras minas desse sertão de que me enviastes as amostras de crystaes e outras pedras: e porque flo do vosso zelo que ora novamente continuas esse serviço com assistencia do administrador geral d. Rodrigo de Castel Branco e do thesoureiro geral Jorge Soares de Macedo, a quem ordeno que depois de desvanecido o negocio a que os mando das minas de prata e ouro de Parnaguá, passem a Sabará-bussú por ultima deligencia dos descobrimentos das minas dessa repartição em que ha tanto tempo se continua sem effeito. » Pedro Taques de Almeida Paes Leme, — « Nobiliarchia Paulistana », — *Revista do Instituto Historico do Rio de Janeiro*, tomo XXXV, parte 1.ª pag 195.

4 Els como o historiadór Gandavo conta a origem dessa famosa legenda da Serra do *Tabarabussú*: « A esta Capitania de Porto Seguro chegaram certos indios do Sertão a dar novas de umas pedras verdes que havia numa serra muitas leguas pela terra dentro e traziam algumas dellas por amostras, as quaes erão esmeraldas, mas não de muito preço: e os mesmos indios diziam que daquellas havia muitas e que esta serra era mui formosa e resplandecente ». Esta serra resplandecente, que o gentio, em sua lingua, dizia *Tabarabussú* e que a corruptela em labios portuguezes transformou em *Tabarabussú* ou *Tabarabussú* como dizia Monsenhor Pizarro nas suas *Memorias*) e mais geralmente *Sabarabussú* vai ser por todo o seculo seguinte o alvo das mais arrojadas expedi-

A partir, porém, de 1700, quando a auctoridade competente re-partiu as lavras auríferas que se estendiam pelas margens dos correios e riachos que vertiam daquelle massiço rochoso, numerosas povoações nasceram pelos valles e encostas, constituindo cidades e arraiaes que, mesmo na sua decadencia actual, offerecem vestigios de sua opulencia de outr'ora e da actividade da grande população que alli viveu.

A principio, os bandeirantes não tinham estradas para penetrar nas mattas virgens, nem para descer nos valles profundos e sombrios; e orientavam-se sómente por aquella balisa de rocha, providencialmente posta na zona onde fervilhava sua cobiça. Depois, porém, que se fixaram, procuram elles galgar a montanha, para rever, num lance d'olhos, o terreno tão duramente conquistado, na esperança talvez de descobrir nas fimbrias do dilatado horizonte a orla azulada das terras da patria, saudosa e distante.

E foi assim que a frequente calcadura dos visjores conseguiu formar a estreita e perigosa azinhaga por onde o viandante deverá effectuar a viagem ascensional, na pbrase elegante e polida do actual bispo de Bagis, antigamente padre Joaquim Silverio de Souza, que no seu bello livro *Silios e Personagens* consagrou á Serra da Piedade alguns capitulos de suave e agradabilissima leitura.

O cimo da montanha é uma pequena plataforma, que se pode galgar mesmo á cavallo e de onde a vista abraça um horizonte vastissimo, « o mais extenso que se me offerece aos olhos desde que viajo na provincia de Minas » disse Augusto de Saint-Hilaire, o sabio naturalista que foi nosso hospede durante alguns annos e que esteve na Piedade em 1818.

O Bispo de Bagis exprimiu assim as suas impressões:

« Valles extensissimos, soberbas montanhas, algares profundos, campos graciosos, bosques encantadores; tudo dalli se descortina em painel natural.

A espessas e frondosas florestas que ensombram as plantações, succedem dilatadas campinas matizadas de alvos cascaes e retoucadas de alimarias que nellas encontram o vigoroso pasto.

Aqui se descobre tenue fio d'agua que, humilde e silencioso, se desliza por sobre seixos; alli entre mattas e campos vae ao longe

ções sertanejas conduzidas de S. Paulo em direcção ao valle de S. Francisco, das quaes não poucas vararam os sertões em busca de Porto Seguro ou do Espirito Santo, donde lhes vinha a longinqua tradição da *Serra das Esmeraldas* (Theodoro Sampaio: « O Sertão antes da Conquista », — *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, vol. V, pag. 93).

jactancioso com os grossos cabedões que recebe o arenoso e historico Guacuby ».

Do pico da Piedade a vista apanha Sabará, em cujos arredores, revoltos pelas mãos dos antigos exploradores de ouro, os côrtes mais recentes da estrada de ferro põem um cunho do progresso hodierno.

De outro lado Caeté, a Villa Nova da Rainha, dos tempos colonias, ostenta no solo esbranquiçado que a circunda a riqueza que possui de inigualavel materia prima para a industria ceramica; alli viu Saint-Hilaire, quando passou, grandes rebanhos de carneiros, como não vira em outra parte de Minas; hoje os campos estão desertos, porém dominados pela elevada chaminé de uma importante fabrica de productos ceramicos, que leva o nome da velha cidade aos pontos mais afastados do Estado.

Entre as duas, se vê o Cuyabá e o Pompéo, localidades outr'ora florescentes e ricas e das quaes só a primeira conserva signaes de vida, graças á exploração de uma das suas velhas minas de ouro que alli faz, ha annos, a Companhia do Morro Velho.

Santa Luzia, a cidade mineira que guarda os echos dos ultimos gemidos de 1842; Lagoa Santa, que evoca recordações do sabio solitario o dr. Lund, e em cuja formosa lagoa o sol espelha a linha de casarias plantadas nas suas bordas; Roças Novas, Lapa, Morro Vermelho e até Cattas Altas de Matto Dentro, tudo dalli se avista num horizonte que vae a perder-se na amplidão. Os raios visuaes só encontram limite, de um lado na Serra do Cipó, depois na do Caraça, na de Ouro Preto, na de Itabira, na de Curral d'El Rey e finalmente, pelo lado do noroeste, numa simples linha recta, quasi de nivel que deixa prever os chapadões, o planalto central, a se estender até ás fronteiras do Estado, continuando por Goyaz, Matto Grosso, a Bolivia e indo, quasi intermino, a entestar com os Andes.

No lado do poente, a vista repousa num massiço de casarias novas, onde um bom ceulo destaca o alinhamento irreprehensivel das ruas, as praças e os palacios, e onde ao anoitecer myriades de luzes se accendem instantaneamente e ficam scintillando, como um enchame de pyrillampos, durante toda a noite: é a Capital de Minas, a risonha Bello Horizonte, que quebra a monotonia daquelle panorama de montanhas e de valles, que succedem sem interrupção.

Ao descambar do sol ou ao amanhecer do dia, o espectáculo que se observa do alto da Piedade, em certas estações do anno, difficilmente poderá ser descripto na linguagem humana ou reproduzido na tela do artista.

As tintas que tingem as nuvens, no crepusculo ou na aurora, têm uma vivacidade de colorido inigualavel; e os tons por ellas produzidos nos montes, cujas cristas o sol doira, e nos valles onde

seus raios a custo penetram, não podem ser com facilidade imitados nem pela mais fina palheta, nem pelo mais culto genio.

Os *touristes* que vão á Suissa nunca deixam de fazer a classica ascensão do Righi, montanha que domina a zona onde dormem tranquilllos os lagos de Goldan, de Zug, de Lowerz e dos Quatro Cantões. O passeio é commodo e pittoresco:— os excursionistas deslisam num confortavel wagon, em trilhos que perfuram os Alpes, encristados de neves perpetuas.

Do alto do Righi, que se eleva a pouco mais de 1800 metros sobre o nivel do mar, goza-se um bello panorama sobre a região das montanhas, em cujo fundo estão os grandes lagos, orlados de campos cultivados, onde apparecem, como que salpicando-os, diversas cidades e aldeias. Mas os vapores, que sobem dos valles, envolvem quasi eternamente o cimo dos montes, de modo que o espectáculo que se apresenta aos olhos é fugidio, num intervallo de duas lufadas de vento que varrem os nevoeiros e só por momentos permitem ver a face do astro rei, reflectindo a alvura da neve que nunca abandona as cristas mais elevadas.

Do alto da Serra da Piedade goza-se um espectáculo quasi identico, talvez porém mais bello.

Pela manhan, quando os valles ainda estão occupados pelos nevoeiros, têm-se a illusão de uma serie de lagos separados por montanhas, cujos cabeços o sol banha de uma luz suave, deixando como que pairar na atmosphera pulverizações de ouro. Na coucha szul do firmamento elle brilha, sem uma nuvem a empanar-lhe a face, e acaricia o observador com seus primeiros raios, levemente tepidos para expellir o frio nascido da irradiação nocturna e que reina alli enquanto o sol não apparece.

Dia virá em que aquella erma região, povoada de tantos encantos, ha de attrahir numerosos *touristes*, que lá irão apenas para recrear os olhos. Quando os meios de transporte forem menos primitivos e melhor se desenvolver entre nós o gosto pela natureza e pelo bello, a Serra da Piedade não será visitada só por peregrinos que vão levar a offerenda de suas orações á Virgem Mãe de Deus ou por botanistas que galgam aquellas alpestres montanhas na colheita de bellas orchideas e de plantas raras; a Serra da Piedade será então o Righi-Kulm da Suissa brasileira, que é a nossa terra.

Em certas tardes, quando a atmosphera está limpida, os raios do sol poente reflectem-se na pequena ermida que arremata o pico da Piedade, permitindo que daqui se possa distinguil-a e vel-a, mesmo a olhos nus.

Aquella egrejinha, pozada como uma agulha branca nas toscas pedregas que a cercam, tem a sua lenda, cheia de poesia, como todas as lendas brotadas da piedade christan.

Não se pode precisar com segurança a epocha de sua construção: no sino que ella tem está gravada a data de 1776; mas a tradição das romarias, que alli são feitas, remonta a mais de 140 annos.

Sabe-se, entretanto, com certeza quem ideou e executou aquelle singelo e expressivo monumento erguido, no seio das montanhas, pela fé fervorosa de uma alma christã e crente.

Bracarena e Lourenço, dois amigos que o mesmo infortunio havia ligado, vieram foragidos de Portugal, procurando no interior de Minas o socego e a paz de espirito que não lhes permittia gozar na patria a perseguição do marquez de Pombal.

Não se conhecem os antecedentes destes dois homens; mas erão naturalmente de nobre estirpe, porque foi contra a nobreza e o jesuitismo portuguezes que se arremessou de preferencia o energico ministro de D. José, levando de vencida todos os obstaculos que se lhe antolharam em seu caminho de reformador fecundo.

Fugindo ao borborinho das cidades e procurando a solidão, Lourenço e Bracarena vieram ter á zona mais montanhosa de Minas. Traziam elles em mente erguer um templo á Maria Santissima, a terna consoladora de seus dias de afflictão, quando faziam a longa e penosa travessia de sua patria ao interior do novo mundo.

Era tambem desejo dos dois infortunados amigos que esse sanctuario se erguesse na mais alta penedia encontrada na solidão que procuravam.

Chegando a Minas, ouviram elles a lenda da *Muda da Penha* que então estava muito viva na zona circumvizinha de Sabará e Casté.

Foi uma menina, filha de piedosa familia e muda de nascença, que tendo visto no alto da Serra da Piedade apparecer a Virgem Santissima com Jesus nos braços, teve uma emoção tão forte que começou immediatamente a fallar, narrando o estupendo successo a todos que a ouviam com espanto. A visão appareceu á menina mais vezes e ella ficou completamente curada do mal que a ferira desde o berço.

Ouvindo esse caso e percorrendo o bello sitio que tinha sido theatro de tão extraordinario acontecimento, Bracarena propoz ao seu amigo que a planejada ermida fosse construida no pico da Piedade. Lourenço porém opinava pela Serra do Caraça, que se via no horizonte, quasi perfurando as nuvens e mais alta portanto.

Essa divergencia determinou que em vez de um fossem erguidos dois templos: — Bracarena ficou na Piedade e Lourenço se fixou no Caraça, onde lançou os alicerces do estabelecimento de educação que até hoje alli prospera.

E sobre aquelle elevado massiço de pedra ferruginosa, que forma o alto da Serra da Piedade, Bracarena edificou a pequena Igreja que

daqui se avista; e que ha mais de um seculo alli está açoitada por vendavaes, resistindo á acção do tempo, para lembrar ás gerações porvindouras a intensidade da fé piedosa que determinou sua construção.

A Igreja é toda de pedra e cal; e posto não tenha ornatos architectonicos, sua edificação é robusta e resistente. A imagem que lá se venera é a de Nossa Senhora da Piedade, a mesma mandada vir do Porto, ha 130 annos.

Resolvendo fazer vida de ermitão, Bracarena construiu tambem nos flancos da Igreja uma casa, dividida em grande numero de pequenas cellas, que não só servisse de abrigo aos peregrinos que lá vão periodicamente ter, como de residencia para os eremicos que quizessem se dedicar, como elle, ao culto da Virgem Divina, naquella solidão a que se acolhera.

O eremiterio existe ainda, hoje deserto e abandonado, contando na sua nudez a vida de penitencias e de fervor religioso de que foi testemunha durante um seculo.

Muitos eremitas alli viveram, indo pedir áquelle sitio ermo e encantador paz para seu espirito ou conforto para sua alma, talvez alquebrada pelas rudes lutas da vida ou combalida na voragem do egoismo e das injustiças humanas.

« Vestidos com o habito de S. Francisco, diz o Bispo de Bagis, esses cenobitas brasileiros, sequestrados do tumultuar mundano, faziam reviver as angelicas virtudes dos solitarios da Thebaida e do Egypto, e com esmolas mendigadas de porta em porta reparavam os estragos com que os annos e os temporaes iam maltratando o edificio sagrado. »

Não eram sacerdotes esses eremicos, como tambem não o era Bracarena; leigos trajavam entretanto um tosco burel, traziam crescida a barba e o cabello e uzavam de um grande chapéo. Alguns tinham voto perpetuo; outros porém entregavam-se áquella vida de sacrificios por tempo limitado, e todos viviam de esmolas que alguns colhiam nas circumvizinhanças.

Conta Eschwege e Saint-Hilaire repete que entre os eremitas por elles encontrados em Minas, haviam-se introduzido abusos de tal ordem que alguns procuravam esse genero de vida, somente para viajar e viver de esmolas (5). Porém os anachoretas da Serra da Pie-

(5) « Para dar idéa do que são os eremitas, aliás pouco numerosos na provincia de Minas, creio que não posso fazer nada de melhor do que traduzir o que escreveu sobre esse assumpto, um viajante notavel, o sr. barão de Eschwege (no *Journal von Brasilien*): Chamam-se *ermittões* (eremitas) homens que geralmente, para purgar seus peccados, resolvem fazer. R. A.—18

dado gosaram fama de virtuosos; e os ultimos que alli viveram foram José Martins e José Corrêa, fallecidos ha algumas dezenas de annos.

Durante a vida do celebre padre José Gonçalves, de Roças Novas, cujo nome é até hoje repetido com o acatamento e a veneração a que lhe doram direito as suas luzes, caridade e virtudes, as peregrinações da Serra da Piedade tornaram-se classicas em Minas; de muitas leguas vinham fiéis, para se entregarem, naquella ermo, durante dias seguidos a orações e a outros exercicios piedosos; houve mesmo occasião em que alli se agglomeraram mais de 2.000romeiros.

Nessa epocha, alli viveu por algum tempo a Irman Germana, que durante muitos annos chamou sobre si a attenção de todos, por causa dos phenomenos sobrenaturaes que com ella se passavam. Entre os annos de 1813 e 1814, estando na capella da Piedade a meditar sobre os mysterios da paixão de Christo, como era seu costume, Germana entrou em extase, seus braços distonderam-se em cruz, os pés cruzaram-se tambem e nessa posição permaneceu 48 horas (6).

rem-se guardas de uma capella e pedirem esmolas para a conservação da mesma. Elles se vestem com uma especie de burel; deixam crescer a barba e ás vezes descuram completamente dos cabellos. Carregando uma caixa com tampa de vidro, que contém a imagem do orago da Igreja, elles andam pelas estradas, dão a beijar a imagem a todos que encontram e recebem por isso dinheiro e outros objectos.

Alguns fazem voto perpetuo; porém a maior parte toma compromisso de levar essa vida por um certo tempo apenas. Entre elles, como em muitas outras classes, introduziram-se tristes abusos; com effeito, muitos desses eremitas não tomam o habito senão para viver á custa alheia e beber nas melhores tavernas o dinheiro que se teve a generosidade de lhes offerecer. (Auguste de Saint-Hilaire. — *Voyage dans le District des diamants*, tom. 1.º pag. 140).

(6) «Vi na Serra da Piedade uma mulher de quem se fallava muito nas comarcas de Salará e de Villa Rica. A Irman Germana, como a chamavam, foi acometida, ha cerca de dez annos (escripto em 1818) de crises histericas acompanhadas de convulsões violentas. Exorcisaram-na e deram-lhe remedios inteiramente contrarios a sua molestia; e o mal foi peiorando. Emfim, por occasião de minha viagem, ella tinha chegado, desde muito tempo, ao ponto de não poder mais levantar-se da cama, e a dóze de alimentos que tomava por dia igualava á que se dá a um recém-nascido. Ella não comia carne; recusava igualmente os alimentos gordurosos e não podia tomar nem um caldo. Doces, queijo, um pouco de pão ou de farinha constituíam sua alimentação; muitas vezes ella repunha no mesmo instante o que acabava de tomar e quasi sempre era necessario obrigar-a a comer qualquer cousa.

Dizia-se que os costumes de Germana foram sempre puros e o seu comportamento era irreprehensivel.

Dahi em diante o mesmo phenomeno se reproduzia todas as semanas, começando geralmente á meia noite de quinta para sexta feira e indo até a noite de sabbado para domingo. Nessa posição ficava ella sem pronunciar uma palavra, completamente immovel e sem tomar o menor alimento.

Não havia força capaz de retirar seus braços da posição que tomavam, apesar de sua compleição franzina e de sua extrema fraqueza.

Durante a molestia, sua devoção exaltava-se todos os dias; ella queria jejuar completamente nas sextas feiras e nos sabbados; sua mãe não quiz consentir, porém Germana declarou que durante esses dous dias era-lhe absolutamente impossivel tomar qualquer especie de alimento e desde esse tempo ella os passou sempre na mais completa abstinencia.

Pedi para ver Germana e levaram-me a um quartinho onde ella permanecia constantemente deitada. Vi o seu rosto envolto em um grande lenço que cobria tambem a cabeça e ella não me pareceu ter mais de trinta e quatro annos, idade que effectivamente se lhe attribuia. Sua physionomia era sympathica e agradável, mas indicava uma grande magreza e extrema debilidade.

Perguntei á doente como passava e ella me respondeu com a voz quasi sumida que passava melhor do que merecia. Tomei seu pulso e fiquei admirado de encontral-o muito acelerado.

Voltando á Piedade na sexta feira, pedi para me levarem outra vez ao quarto de Germana.

Ella estava na cama, deitada de costas e tinha a cabeça coberta com um lenço. Seus braços estavam estendidos em cruz, — um, contrafeito pela parede, não tinha liberdade de se distender inteiramente, e o outro collocado para fóra repousava sobre um tamborete. A doente tinha a mão excessivamente fria; os dedos polegar e index estavam abertos, os outros porém fechados, os joelhos recurvados e os pés collocados um sobre o outro. Nessa posição Germana conservava a mais completa immobildade; seu pulso era apenas sensível e acreditar-se-hia que ella estava morta si por effeito da respiração o seu peito não levantasse ligeiramente as cobertas. Tentei dobrar, muitas vezes, o seu braço; mas foi inutil: — a rigidez dos musculos augmentava na medida de meus esforços e eu me persuadi que não devia empregar mais força, sob pena de magoar a doente. Fechei diversas vezes suas mãos; mas, no instante em que eu deixava os seus dedos, elles tomavam sua posição primitiva.

A Irman de Germana que ordinariamente cuidava della e que estava presente, me disse que raramente ella ficava tão calma durante os extases, como nesse dia; que os seus pés e braços ficavam sempre immovels, mas que ella dava muitos suspiros e gemidos, que movia com vivacidade a cabeça e que os movimentos convulsivos se manifestavam perto das trez horas, momento em que Jesus Christo exalou o seu ultimo suspiro. (Hilaire, obra citada).

Emquanto durava o extase, a Irman Germana só executava ordens emanadas de seu director espiritual. Saint Hilaire foi testemunha desse phenomeno, sobre o qual travou-se apaixonada discussão entre os medicos da epocha, opinando alguns pelo caracter sobrenatural dos extases de Germana, ao passo que outros, como o dr. Antonio Gonçalves Gomide, sustentavam que elles eram simplesmente effeito de accessos catalepticos (7).

A Irman Germana falleceu no Recolhimento de Macahubas, a 14 de janeiro de 1856, tendo cerca de 74 annos de idade; e destes soffreu ella a crucificação todas as sextas feiras, durante quasi 50 annos, o que lhe valeu a fama de sancta que até hoje conserva.

Ao lado, porém, de todas essas lendas que povoam a Serra da Piedade de um mysticismo poetico, aquelle sitio encantador é tambem notavel para os homens de sciencia e naturalistas. O geologo apanha daquelle elevado cimo a synthese de complexas e notaveis revoluções geognosticas que deram á terra sua fórma actual, encrespada pelas montanhas e emergindo de valles que foram planaltos outrora. O mineralogista e o industrial maravilham-se deante da abundancia e da pureza das minas de ferro, que vão desde a base até o alto da Serra, capazes de alimentar por dezenas de annos uma activa industria siderurgica. E o botânico tem muito a estudar naquella flora das montanhas, tão interessante em nossa latitude, onde ella pompeia um viço, belleza e originalidade inegualaveis.

A Piedade tem sido já visitada por muitos scientistas nacionaes e estrangeiros. Destes ultimos lá estiveram, entre outros, que deixaram interessantes impressões nos seus livros de viagens, não só o barão d'Eschwege, como Spix, Martius, Saint-Hilaire, e Warming, o

(7) « A noticia desse phenomeno espalhou-se logo nos arredores; milhares de pessoas de todas as classes testemunharam-n'o: acreditou-se em um milagre; a Irman Germana foi proclamada sancta e dous cirurgiões das circumvizinhanças augmentaram ainda mais a veneração publica declarando, em um pequeno escripto, que o estado da doente era sobrenatural. Essa declaração ficou manuscrita; mas circulou e tiraram della numerosas copias.

Entretanto um medico muito instruido, o dr. Gomide, da Universidade de Edimburgo, refutou a declaração dos dous cirurgiões; e em 1814, fez elle imprimir no Rio de Janeiro, sem nome do autor, uma pequena brochura, cheia de conceitos scientificos e logicos, na qual demonstrou, citando grande numero de auctoridades que os extases de Germana não passavam de effeitos de catalepsia.

Essa brochura tinha o titulo de — Impugnação analytica ao exame feito pelos clinicos Antonio Pedro de Souza e Manoel Quintão da Silva em uma rapariga que julgam santa na Capella da Senhora da Piedade da Serra. — Rio de Janeiro 1814 ». (Saint-Hilaire, obra citada)

qual dizia saudoso: « recordam-me as horas caladas que passei no cume da Serra, no seio dessa natureza virgem possante e fecunda, como as mais bellas que vi escoar-se no sólo brasileiro ».

Todos elles encontraram alli specimens raros na botanica e na entomologia; e alguns que não figuravam ainda nas classificações da epocha. Saint Hilaire deu o nome de dois brasileiros a duas plantas novas que encontrou naquella região, uma *Betencourtia* dedicada a José de Sá Bittencourt, o sabio botanista que residiu nos arredores da Piedade e escreveu uma interessante memoria sobre o plantio do algodão, e outra *Paesia* do nome de Fernão Dias Paes, o octogenario commandante da primeira bandeira paulista que pousou os olhos naquella Serra e atravessou, num rasgo de audacia, os contrafortes da mesma, em busca da região do norte, onde dormiam as esmeraldas que brilhavam nos sonhos dos sertanistas (8).

Todo esse passado, essa epopéa de heroísmo que encorporou ao Brasil o solo mineiro, as lendas piedosas e doces que foram repeti-

(8) *Betencourtia Rhyncosoides*. — Os caracteres da flor e do fructo não são muito pronunciados nessa planta. Ella tem semelhanças com as *Glicina* e principalmente com as *Rhyncosia*. Porém como eu não poderia fazel-a entrar nesses generos sem modificar muito sua diagnose, vi-me forçado a fazer um genero particular que eu distingo da seguinte maneira: *Betencourtia*. Calyx campanulatus, ultra medium 5 fidus, infra basim bibracteatus; laciniis subaequalibus. Cor. papilionacea: alae carinaeque obtusa, subaequalia. St. 1 adelpha: androphoro hinc fisso. Nect. conicum, costatum, basin ovarii cingens. Stylus arcuatus, glaber. Stig. terminale, parvum. Ov. sessile, lineare, polyspermum. Leg. lineare, rectum, haud torulosum. — Nomen a José de Sá Bittencourt que in opusculo *Memoria sobre a plantação dos algodões de Gossypis brasiliensibus* dissertavit.

Paesia Viscosa. — A planta a qual dou o nome de *Paesia* tem certamente relação com o genero *Diksonia*, mas é impossivel fazel-a entrar nesse genero si se lhe conserva os caracteres que lhe deram Lheritier seu fundador e os mais celebres botanicos Swartz, Labillardiere, Robert Brown, Kunth etc. O novo genero *Paesia* se caracteriza da seguinte maneira. — Nascitur sub rupibus in monte « Serra da Piedade ». Sori formá varii subrotundi-lineares, submarginales, in indusio ante dehiscenciam undique inclusi. Indusium planum, membranaceum, tenuissimum, duplex; superius è margine frondis ortum, alterum interius cum ipsomet continuum frondis pagin applicitum omnino obtegens, interius dehiscens, post dehiscenciam reclinatum, et tunc sorus in medio ferè indusii marginibus haud laevis. — Nomen a celeberrimo duce Fernando Dias Paes Leme qui octoginta annos natus ad imperium lusitanicum provinciam « Minas Geraes » nimis diu ignotam animo juvenili (an. circiter 1800) adjunxit, gemmeam floridamque tellurem, botanophilis amenissimam. Saint-Hilaire; *Seconde Voyage au Brésil*, pags. 377 e 381).

das por tantas gerações que nos precederam, as esperanças de um futuro cheio de prosperidade e riqueza que aguarda a nossa patria, tudo isso é despertado pela simples contemplação daquella serra, onde alveja a velha ermida e constitue o mais bello e encantador panorama que se offerece aos olhos dos habitantes da nossa Capital.

— o o o —

Revisão dos Regimentos das Minas do Imperio do Brasil, com Notas e Observações do Guarda Mor Geral das Minas na Provincia de Minas Geraes

Augustos, e Dignissimos Senhores Representantes da Nação Brasileira

Escrever a historia da legislação das Minas; investigar nas Ordenações, Leis, Regimentos, Alvarás, Decretos e Resoluções, promulgadas sobre estes depositos mineræes, as disposições, que se acham em vigor; ajuntal-as methodicamente; comparal-as com outras semelhantes medidas legislativas das Nações cultas; indicar as difficuldades que a interpretação dos Regimentos tem apresentado; mostrar os vãos que ainda existem; explicar umas, e encher outras com as Decisões do Governo, Sentenças do Poder judiciario, e Provimentos das Correições; traçar emfim as primeiras linhas de umCodigo Subterraneo, que fique em harmonia com a Constituição do Imperio, e as Leis que della tem emanado; seria tarefa digna das vigílias de algum dos nossos habéis Jurisconsultos. Como porém, em quanto as attensões das capacidades Nacionaes estão consagradas ás politicas, e aos outros ramos do Direito Patrio, a Causa publica da Mineração peiora: Permitti, que, no silencio dos Jurisperitos, eu Vos dedique, e consagre como humilde offrenda a Revisão dos Regimentos das Minas, com as Notas e Observações, que a profissão de mineiro, as funções do cargo de Guarda Mor Geral me tem proporcionado.

Si este ensaio poder auxiliar os Vossos augustos trabalhos nesta parte; e si na Sabedoria das Vossas Deliberações julgardes conveniente a confecção do nossoCodigo Subterraneo, será satisfeito um dos votos, que faço, para a prosperidade do Imperio. Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação Brasileira, Dignal-vos aceitar com este opusculo o profundo respeito. Do vosso humilde subdito. — *Manoel José Pires da Silva Pontes.*